

III CICLO DE LEITURA E ESTUDOS DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

III Cycle of reading and studies of the thought of Paulo Freire: an account of experience

Márcio dos Anjos São Pedro¹
Paula Vielmo²

Resumo: Este trabalho objetiva compartilhar as vivências e aprendizagens no III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, por meio de um relato de experiência, oportunidade em que a autoria se conheceu. O Ciclo se organizou em torno de cinco encontros virtuais entre março e setembro de 2021; estudou o livro *Educação como Prática da Liberdade*, integrando as comemorações do centenário do patrono da educação brasileira. Ademais, adotou como metodologia a troca de cartas com outro grupo, indicado pela coordenação do evento. O essencial desta experiência ocorre pela Pedagogia da Correspondência em Paulo Freire, que possibilitou a autora e o autor além de aprofundamento teórico, a prática em suas atividades profissionais como educadora e educador. Foi uma experiência significativa para ambos, contribuindo ainda para inspirar outras educadoras e educadores na leitura coletiva de Paulo Freire.

Palavras-chave: Paulo Freire. Relato de experiência. Pedagogia da Correspondência.

Abstract: *This work aims to share the experiences and learning in the III Cycle of Reading and Studies of Thought of Paulo Freire, through an experience report, an opportunity in which the authors met. The cycle was organized around five virtual meetings between March and September 2021; studied the book *Education as the Practice of Freedom*, integrating the celebrations of the centenary of the patron of Brazilian education. In addition, it adopted as methodology the exchange of letters with another group, indicated by the coordination of the event. The essential of this experience occurs through the Pedagogy of Correspondence in Paulo Freire, which enabled the authors, besides theoretical deepening, the practice in their professional activities as*

¹ Licenciado e Mestre em Matemática e especialista em Educação Inclusiva, atua como professor de Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, campus de Governador Mangabeira, lecionando na Educação Básica, Técnica e Tecnológica (Ensino Médio e PROEJA), também atua como professor na Pós-graduação Lato Sensu em Metodologia Científica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5615-6261>

² Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2008), especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos - NEIM/UFBA (2018) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinas sobre mulheres, gênero e feminismo - PPGNEIM/UFBA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3743-4801>

educators. It was a significant experience for both, contributing still to inspire other educators in the collective reading of Paulo Freire.

Keywords: Paulo Freire. Experience report. Correspondence pedagogy.

Realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente (FREIRE, 1967, p. 53).

Introdução

O Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire é um projeto extensionista que envolve a Universidade Federal do Paraná, o Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba e o Coletivo Estadual – APP Independente e, nesse ano de centenário do Patrono da Educação Brasileira, o ciclo completou o seu terceiro aniversário. E devido à pandemia do novo coronavírus, ocorreu de forma virtual, o que possibilitou que pessoas próximas, mas residindo distantes se encontrassem, como foi o caso de nosso grupo de estudos.

A proposta é simples e na simplicidade reside a sua beleza e profundidade. Sob mediação da Pedagogia da Carta (COELHO, 2011), buscava dialogar com base na obra freiriana, *Educação como Prática da Liberdade*, e os desafios postos à educação na contemporaneidade. Quem ousa se debruçar sobre as obras e vida de Paulo Freire, logo se percebe lendo cartas, afinal muitas eram as correspondências que ele recebia e enviava. A carta é dialógica e pedagógica pela sua natureza, como ele mesmo dizia, sendo convite permanente para o diálogo.

A abertura do III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire – 100 anos do nascimento de Paulo Freire, aconteceu em 19 de março de 2021, às 19 horas pelo Youtube. Neste momento, ocorreu a conferência de abertura com o tema “Atualidade do pensamento de Paulo Freire e o enfrentamento das políticas neoliberais na educação”, proferida pelo professor Afonso Celso Scocuglia, da Universidade Federal da Paraíba e tendo como debatedor o professor Rogério Rech, da rede pública estadual do Paraná, em Francisco Beltrão.

Além disso, foi apresentada a organização do III Ciclo, cujo objetivo envolvia “ler Freire coletivamente”. Para tanto, ocorreram cinco encontros mensais, online, entre março e julho de 2021. Havia roteiros fornecidos aos grupos e lista de presença para cada encontro; foram trocadas cartas entre os grupos em cada encontro, com certificação de 50 horas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Assim, para garantir a dialogicidade, cada grupo tinha entre seis e quinze participantes, com uma pessoa responsável por receber e organizar a documentação dos encontros em cada grupo e realizar a mediação tanto com a coordenação quanto com a pessoa responsável pelo grupo correspondente na troca de cartas. Eram

encontros autogestionáveis, realizados em plataforma online a ser definida por cada grupo.

Os encontros, diálogos e troca de cartas, tiveram por fundamento o livro *Educação como Prática da Liberdade*, escrito na primavera de 1965, em Santiago, quando Paulo Freire estava no exílio. Nesse livro/ensaio, além de uma análise acerca da formação social brasileira, Freire traz um relato da experiência pedagógica que desenvolveu pouco antes do golpe de 1964, e nos apresenta o método de alfabetização de jovens e adultos realizado em Angicos, nordeste brasileiro, cujo objetivo ousado era fazer com que os participantes e as participantes, aprendessem a ler, escrever e se politizassem no processo; e essa incursão chamou a atenção no Brasil e no exterior para o que o educador brasileiro estava se propondo a desenvolver com seus Círculos de Cultura e sua Pedagogia do Oprimido.

Os Círculos de Cultura apresentavam como proposição, buscar o que o autor chama de *sujeito-homem*, mas pela própria autocrítica e mudanças de escritas posteriores de Paulo Freire e nossa consciência em torno das relações de gênero, chamaremos de *sujeito-humano* e propunha-se ao objetivo de “uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço”, (FREIRE, 1968, p. 36,). Essa era a politização proposta: uma formação para o exercício pleno da cidadania, tão necessário e atual ainda hoje.

A primeira turma da experiência de Angicos concluiu o curso em 02 de abril de 1963, e na cerimônia de entrega dos certificados aos que haviam se alfabetizado, Paulo Freire ressaltou os princípios científicos e filosóficos do método desenvolvido, propondo uma educação que “conscientize o povo brasileiro” (FREIRE, 1963, p. 1) e supere a compreensão predominantemente mágica”, por uma “visão crítica do saber” (Idem, p. 2). Explicou aos presentes, referindo-se várias vezes ao presidente João Goulart, os passos de sua metodologia que impulsionava os alfabetizados a serem “sujeitos da sua própria história” (GADOTTI, 2013, p. 52). Essa experiência bem sucedida formava o povo para o exercício de uma cidadania ativa e participativa, possibilitando a escolha dos próprios caminhos a trilhar, em que alfabetização e conscientização são inseparáveis. Essa experiência foi levada para outros municípios e inspirou um programa piloto do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), contudo a história nos mostra os rumos que o país seguiu com o golpe Militar de 64 e Gadotti nos conta sobre esse momento.

Paulo Freire foi preso e passou 70 dias numa cadeia do quartel de Olinda, acusado de “subversivo e ignorante”. Detalhe: na prisão, um dos oficiais responsáveis pelo quartel, sabendo que ele era professor, solicitou a Paulo Freire para alfabetizar alguns recrutas. Paulo explicou-lhe que foi exatamente porque queria alfabetizar que fora preso (GADOTTI, 2013, p. 57).

O que nos traz a essa escrita, nos ambientando ao momento histórico, e de vida em que Freire escreveu o livro que foi a referência principal do III Ciclo de Leitura que participamos e ora relatamos. Por fim, nosso grupo foi constituído a

partir de contato de Paula Vielmo (uma das autoras deste trabalho) com a coordenação, que forneceu a relação de inscrições no Estado da Bahia. A partir disso, foram identificadas mais duas pessoas que residiam em Barreiras, Bahia e trabalham no Instituto Federal da Bahia (IFBA), Davi Novaes Ladeia Fogaça e Naianny Almeida Pacheco. Da mesma forma identificou colegas do Instituto Federal Baiano (IFBaiano), sendo que apenas três retornaram o e-mail enviado demonstrando interesse: Damaris Oliveira Souto, Izanete Marques Souza e Márcio dos Anjos São Pedro. A partir daí foi realizado o primeiro contato com o conjunto de pessoas interessadas e constituímos nosso grupo com seis membros, três de cada Instituto Federal (IF), sendo uma professora, um professor e uma técnica administrativa em educação de cada IF.

Portanto, o grupo que integramos já nasceu bastante diverso, com pessoas de diferentes municípios baianos, diferentes formações (Filosofia, Letras, Pedagogia, Matemática, Engenharia) e cada uma e cada um com uma motivação distinta para participar do Ciclo. Contudo, com um desejo em comum: experienciar a proposta de dialogar, suprir a necessidade da leitura e escuta séria e cuidadosa dos textos e do outro, possibilitando assim uma ampla reflexão e amadurecimento nessas interações e trocas. Poder-se-ia substantivar esse desejo comum do grupo com a palavra estudar, mas estudar dentro da perspectiva Freiriana.

(...) o ato de *estudar* implica sempre o de ler mesmo que neste não se esgote. De *ler o mundo*, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto (FREIRE, 1997, p. 20).

Este trabalho é um relato de experiência de dois integrantes que objetivam compartilhar a experiência no III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, espaço em que a autora e o autor se conheceram e se aproximaram através das transformações expressas ao viver aquela experiência.

METODOLOGIA

Após o primeiro contato de Paula (responsável pelo grupo), Márcio sugeriu criar um drive e após algumas mensagens concordando, Davi respondeu com o link do drive. De imediato, o perfil do grupo indicava perspectivas promissoras, pois haveria um bom autogestão e comprometimento. No drive, Paula criou uma pasta para cada encontro e inseriu as informações conforme recebeu da coordenação do Ciclo. Todas e todos tinham acesso e, em geral, realizavam leitura prévia das orientações enviadas, facilitando a condução dos encontros. Diante das respostas na enquete de disponibilidade de horário, definiu-se que os encontros ocorreriam às quartas-feiras, das 19h00 às 21h00, conforme cronograma da Tabela 1:

Tabela 1 - Cronograma de encontros e prazo para envio das cartas

Data do encontro	Data limite para envio da carta
------------------	---------------------------------

12 de maio	Carta 1 até 17 de maio
02 de junho	Carta 2 até 14 de junho
07 de julho	Carta 3 até 12 de julho
04 de agosto	Carta 4 até 09 de agosto
01 de setembro	Carta 5 até 06 de setembro

Dentro dessa perspectiva de encontros, coube ao grupo definir comissões de duas ou três pessoas para sistematizar as reflexões apresentadas e concluir a escrita da carta a ser enviada a outro grupo, sendo que, para cada encontro uma nova comissão era constituída, possibilitando que todas e todos os integrantes participassem, ao menos uma vez, de todo o processo. A carta, conforme a Tabela 1, deveria ser enviada ao outro grupo, definido pela coordenação do curso. Além disso, a responsável pelo grupo encaminhava a carta, salva em PDF, ao grupo indicado para a troca de correspondência, com cópia para o e-mail da Coordenação do Ciclo.

No primeiro encontro, a coletividade decidiu por não criar um grupo no *whatsapp* e manter a comunicação por e-mail, mas mudou de posição no segundo encontro. A partir de então, estendemos nossa comunicação para outros momentos além dos encontros mensais e dos dias que se seguiam com a escrita da carta. Desde o primeiro encontro, adotamos como método algo além do proposto pela coordenação do Ciclo, pois ao invés de duas pessoas sistematizar as cartas, os demais integrantes do grupo poderiam ler e contribuir com a redação final. Todas as cartas foram enviadas no último dia, sempre dentro do prazo, porém em meio a evidente sobrecarga das educadoras e educadores que integravam o grupo.

As reuniões deveriam ser realizadas seguindo o roteiro disponibilizado, com três momentos: abertura, com acolhida, informes gerais do curso e leitura da Carta recebida do grupo de correspondência; roda de conversa em torno do capítulo lido; e encerramento, com a sistematização da carta. Mas em nosso grupo havia algumas mudanças. O primeiro momento girava em torno de temas atuais e referentes à nossa realidade de trabalhadoras e trabalhadores de IFs, entrelaçando-se com o capítulo lido e concluía com a definição sobre quem iria sistematizar a carta e o relatório do encontro; sempre duas pessoas voluntariamente; um fato interessante dos encontros, é que nenhum deles efetivamente terminou às 21 horas, esse horário era sempre ultrapassado em decorrência das diversas interlocuções do grupo. Ademais, os encontros eram sempre permeados de inúmeras outras referências de textos, músicas, filmes e sua contextualização com a leitura, promovendo trocas enriquecedoras ao conjunto de educadoras e educadores.

Os Encontros

Como já dito, ocorreram cinco encontros mensais. Nosso grupo, inicialmente intitulado IFs Bahia, foi posteriormente renomeado para Grupo Esperançar e se reuniu pela plataforma *Google Meet*. Abaixo, relataremos sobre cada um destes encontros e a leitura do livro Educação como Prática da Liberdade em associação com poesias marcantes.

O primeiro encontro

Para o primeiro encontro recebemos o poema de Pablo Neruda “Ode ao homem simples” e a primeira leitura do Livro Educação como Prática da Liberdade, o tópico “Esclarecimento”, e a partir da leitura coletiva do poema, o grupo precisaria se apresentar através de uma carta, abordando o contexto humano-pedagógico em que se insere e as expectativas para o curso. Nesse momento cada um e cada uma destacaria ideias que julgassem importantes e a comissão a ser escolhida faria a sistematização e conclusão da carta a ser enviada. Vale destacar que a cada encontro era feito um relatório, incluindo a frequência, para enviar à coordenação. Ao final do encontro era repassada a leitura individual dos textos para o encontro seguinte.

Nesse momento inicial de encontro e reencontro, o poema de Pablo Neruda foi fundamental para que as pessoas do grupo pudessem apresentar um pouco de suas visões de mundo, permitiu a conexão com a ideia da troca de cartas, uma vez que no texto o personagem se apresenta, dialogando com pessoas simples, como se, uma carta estivesse a escrever.

Abaixo destacamos um breve relato do primeiro encontro, escrito no dia 12 de maio de 2021 pela representante do grupo, Paula Vielmo, esse relato permite um adentramento na experiência, no exato momento em que ocorreu.

BREVE RELATO DO ENCONTRO - OBSERVAÇÕES: O encontro transcorreu de forma tranquila, com espaço de fala, escuta e diálogo entre as pessoas presentes. Ocorreram alguns problemas com conexão, mas não inviabilizou a participação de ninguém. Após a sugestão de gravar o encontro, seguimos as orientações enviadas pela organização: rodada de apresentação, definição do cronograma de encontros e a sistematização da carta por Márcio e Paula, com contribuições de todas as pessoas até o domingo, 16/05; discutiu-se brevemente sobre um nome para o grupo; Paula indicou Esperançar como uma possibilidade, que foi bem acolhido, porém decidimos após sugestão de Izanete e Davi, aguardar o que surgirá do texto da primeira carta. Izanete fez a leitura dos Esclarecimentos, de Paulo Freire e Damaris e Davi leram o poema Ode ao Homem Simples, de Pablo Neruda. Na sequência as pessoas expressaram suas interpretações e conexões com o contexto atual e outras leituras e experiências.

Para a sistematização e conclusão da primeira carta foram voluntários Paula Vielmo e Márcio São Pedro, sendo estabelecido, desta forma, o primeiro contato em que passamos a escrever conjuntamente.

O segundo encontro

A dinâmica do segundo encontro consistiu em: acolhida e informes gerais do curso; leitura da carta recebida do grupo de correspondência; roda de conversa sobre os textos indicados para o encontro e início da escrita da segunda carta. A partir daí os demais encontros seguiram dinâmica semelhante.

Com a leitura da carta do Grupo de Estudos Sementes da esperança de Araucária, pudemos conhecer/reconhecer a realidade do outro, tão próxima a nossa, e em nossos diálogos decorrentes dessa leitura, chamou-nos a atenção o relato de experiência de uma das integrantes desse grupo, que quando estudante sofreu com a forma como a professora se relacionava com a turma, uma vez que ela não conseguia se colocar no lugar das estudantes e dos estudantes, assim como a sua incapacidade de dialogar, o que nos remete aos ensinamentos de Paulo Freire.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2011, p. 35).

Essa busca incessante por conhecimento, conhecimento em prol da libertação, moveu a colega do grupo de Estudos Sementes da Esperança de Araucária a imergir nas leituras e estudos para melhor compreender o lugar que ocupa na sociedade e qual a melhor forma de intervir nesse mundo.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas (FREIRE, 1967, p 43).

Em nosso grupo, esse relato provocou reflexões acerca da forma como interagimos com nossas educandas e educandos, na constante necessidade da escuta sensível e ativa, do diálogo permanente e das demandas emanadas por eles e elas. Nesse segundo encontro a leitura a ser feita individualmente referia-se ao capítulo 1: Sociedade Brasileira em Transição e ao texto “Canção para os Fonemas da Alegria” de Thiago de Mello, escrito em 1964, em Santiago do Chile. Uma leitura atenta no texto do amazonense Thiago de Mello nos faz perceber as referências a Paulo Freire. Abaixo trazemos algumas estrofes com grifos nossos:

Peço licença para soletrar,
no **alfabeto do sol pernambucano,**
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os **fonemas**

são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em **círculos de amor** que de repente
estalam como flor no chão da casa.
(MELLO, 1965, p. 27, grifos nossos)

Retornando ao capítulo 01, “Sociedade Brasileira em Transição”, Freire nos proporciona um adentramento sobre o processo de conscientização, nos levando ao entendimento dessa fase de transição pela qual o país vivia, a passagem de uma para outra época, que ele denomina “Sociedade em Trânsito”, “aí era a época do trânsito o tempo anunciador a que já nos referimos. Sua tendência era, porém, pelo jogo das contradições bem fortes de que se nutria, ser palco da superação dos velhos temas e da nova percepção de muitos deles” (FREIRE, p. 47, 1967). Vivemos hoje algo muito semelhante, desde o golpe de 2016 e a ascensão do atual governo ao poder,

(...) por isso é que o dinamismo do trânsito se fazia com idas e vindas, avanços e recuos que confundiam ainda mais o homem. E a cada recuo, se lhe falta a capacidade de perceber o mistério de seu tempo, pode corresponder uma trágica desesperança. Um medo generalizado (FREIRE, 1967, p.47).

Seguimos na perspectiva freiriana, que nos indica que esse momento de trânsito é um elo entre uma época que se esvazia e uma nova que se consubstancia. Abaixo segue o relato desse encontro, escrito no dia 02 de junho de 2021.

BREVE RELATO DO ENCONTRO – OBSERVAÇÕES: O encontro teve início às 19 horas, sendo feita a leitura da carta do Grupo de Estudos Sementes da Esperança, essa leitura proporcionou o primeiro momento de interação da noite, onde passamos a dialogar sobre alguns aspectos trazidos pelos colegas do Paraná. Na sequência passamos às experiências e vivências do nosso grupo, sempre permeadas pela leitura do Capítulo 1 - A Sociedade brasileira em transição, onde foram trazidas falas contextualizadas e que traduziam essa necessidade das relações e de humanização da realidade, algumas experiências foram relatadas e em todas as falas foi perceptível a vontade do fazer pedagógico alicerçado pelas ideias Paulo-freirianas. Por último, foi feita a leitura da Canção Para os Fonemas da Alegria de Thiago de Mello, belíssimo poema de amor, luta e resistência, que muito dialoga com o Capítulo 1 - A Sociedade brasileira em transição. Ao final do encontro ficou organizado que Davi e Izanete iniciariam a escrita da segunda carta sendo que as demais pessoas do grupo fariam contribuições à escrita e que Márcio e Paula fariam o Relatório.

O terceiro encontro

No dia 07 de julho de 2021 ocorreu o terceiro encontro e os capítulos indicados para esse momento eram: Capítulo 2 - Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática e Capítulo 3 - Educação Versus Massificação. Feita a leitura da carta, nos surpreendemos como a nossa escrita sensibilizou o grupo de Araucária, ao ponto de refazerem suas apresentações, de maneira mais aprofundada, “mais poética”, como descrevem na carta enviada ao nosso grupo. Esse aspecto é típico da Pedagogia da Correspondência, retornar ao que foi escrito, parte de uma relação de humildade e confiança.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio

de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2013, p. 89).

A carta/diálogo que vamos lendo, nos traz elementos que já vínhamos discutindo enquanto grupo: relevância dos textos que estamos lendo e sua atualidade; a necessidade da criticidade, do pensar crítico; a forma como o pensar ingênuo leva sempre à dicotomia ser humano - mundo e como nós que somos seres atuantes no/com o mundo podemos pensar e construir uma educação que realmente seja para a liberdade.

O momento histórico que vivemos também nos apresenta seus desafios, nos inquieta, ao passo que exige de nós maior capacidade de diálogo, afinal somente ele implica num pensar crítico, e como nos advertiu Paulo Freire (2011), “sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.” Os predicados com essa educação, Paulo Freire apresenta no *Capítulo 03 Educação Versus Massificação*:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (FREIRE, 1967, p. 90).

Os Círculos de Cultura, foram, de certo modo, uma mostra de que essa Educação Verdadeira é possível, uma educação que propicie às pessoas a assumir uma postura crítica diante das problemáticas de seu tempo e de seu espaço. E abaixo temos o relatório do encontro do dia 07 de julho de 2021, escrito de imediato após o encerramento da reunião por Davi:

BREVE RELATO DO ENCONTRO – OBSERVAÇÕES: O encontro teve início às 19 horas, com comentários sobre a carta do Grupo de Estudos Sementes da Esperança e os textos do Paulo Freire, indicados para leitura, além de contextualizações sobre o cotidiano do país e os acontecimentos nas nossas vidas desde o nosso último encontro. Após esse momento introdutório e com a chegada de todas e todos presentes, começamos a dialogar sobre pontos ou trechos contidos nas leituras, que mais nos despertaram a atenção. O Capítulo 2 - Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática nos trouxe relatos das experiências e reflexões sobre a atual conjuntura política do país, como os locais onde moramos são “terras de ganhar dinheiro”, como o Brasil foi para os portugueses, e como reproduzimos ou preparamos mal nossas e nossos estudantes na prática democrática dentro das instituições de ensino, seja pela desvalorização de processos democráticos considerados menores, como a escolha de representantes de turmas, ou pela nossa, também, inexperiência democrática, sendo consensual a necessidade de revisão dessas práticas. Ao longo do diálogo sobre o Capítulo 2, foram trazidas também reflexões sobre o Capítulo 3 - Educação versus Massificação, havendo sempre uma relação e trânsito entre os textos. Ao final do encontro ficou organizado que Damaris e Naianny iniciariam a escrita da segunda carta sendo que as

demais pessoas do grupo fariam contribuições à escrita e que Davi faria o Relatório.

O quarto encontro

O penúltimo encontro teve início com a leitura da carta do Grupo com o qual estávamos nos correspondendo, já envolvidas e envolvidos pela dialogicidade proporcionada pela troca de cartas. Chamamos atenção para a riqueza advinda do encontro dessas diversidades de caráter regional, cultural, de gênero, etária e profissional. Para esse encontro fez-se necessária as leituras do Capítulo 04 - Educação e Conscientização e Apêndice. No quarto capítulo, Paulo Freire explicita como foi constituído o Círculo de Cultura, desde sua concepção à aplicação, pormenorizando as suas etapas e importância em prol da alfabetização.

Pensávamos numa alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização. Numa alfabetização que, por isso mesmo, tivesse no homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas o seu sujeito [...] Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação (FREIRE, 1967, p. 104).

A pergunta básica é: como realizar esta educação? Paulo Freire (1967) indica que a resposta parece estar:

- a) num método ativo, dialógico, crítico e criticizador;
- b) na modificação do conteúdo programático da educação;
- c) no uso de técnicas como a da Redução e da Codificação.

Este foi o pano de fundo para o encontro da noite, bem como a atenção dada à definição de diálogo trazida pelo pensador:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1967, p. 107).

E a partir daí nos traz a base da Pedagogia da Comunicação e também apresenta um conceito mais amplo de cultura, como toda criação humana, como algo que produzimos e nos produz enquanto humanidade, sociedade; a cultura, tal como o trabalho, são centrais na vida humana. Dentro dos Círculos de Cultura a preponderância consistia na utilização do Método Ativo para a promoção de uma

conscientização das pessoas em relação a sua problemática, em torno da sua condição como sujeitos, possibilitando assim a *culturalização* desses adultos os levando ao processo de conscientização articulado ao de alfabetização, como duas faces de uma mesma moeda. Por fim, abaixo, segue o breve relato desse encontro em que Naianny descreve o momento vivenciado.

BREVE RELATO DO ENCONTRO – OBSERVAÇÕES: O encontro foi iniciado às 19:00 do dia 04 de agosto com a participação dos cursistas Márcio São Pedro e Naianny Pacheco no diálogo necessário ao processo de produção de afeto educativo por meio de compartilhamento de relatos sobre o cotidiano do trabalho realizado por ambos em ambiente escolar. A cursista Paula Vielmo entrou na sala de discussão do texto e se integrou à conversa dando notícias sobre os desdobramentos de sua prática influenciada pelas últimas reuniões do grupo. Passado o tempo inicial, partimos para a discussão do método, bem como dos princípios que o baseiam, fazendo sempre alusão às possibilidades de aplicação no contexto específico de nossos Institutos. Ao final do diálogo, foi decidido que a carta seria feita pelo Márcio e pela Paula e que eu, Naianny, ficaria responsável pela elaboração deste relatório.

O último encontro

Chegamos ao quinto encontro com sentimentos de felicidade por estarmos concluindo uma jornada tão engrandecedora, ao passo que cogitamos manter os encontros para dar seguimento aos estudos das obras de Paulo Freire. Iniciamos a noite lendo a carta do grupo de Araucária, na qual discorrem sobre aspectos interessantes da leitura do último capítulo do livro e do apêndice, ressaltando elementos oriundos dessa leitura, tais como o método criado e implementado por Paulo Freire, o papel ativo da mulher e do homem frente à sua realidade, a atualidade do autor e a necessidade de nos aproximarmos cada vez mais dessas leituras e colocá-las em prática, num movimento de reflexão e ação (FREIRE, 2011).

Para esse momento final, já havíamos concluído a leitura da obra e não foi indicado nenhum outro texto. A orientação foi escrever uma carta dirigida a todos os grupos participantes, inspirada na seguinte questão: “O que nós, educadores(as) brasileiros(as), podemos realizar em nosso cotidiano a fim de contribuirmos com o fortalecimento da democracia?” Essa carta seria compartilhada na página de uma rede social do Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire. Após a elaboração dessa carta, o grupo deveria realizar uma avaliação coletiva da participação no III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire.

Como orientação complementar, foi estabelecido que a última carta poderia ser produzida em diferentes linguagens a ser definida pelo grupo, e diante disso foi decidido, não sem muito diálogo, que nossa forma de expressão seria em linguagem fílmica, em que cada integrante do grupo faria um vídeo respondendo à questão proposta, e Márcio faria a edição final desse vídeo. O relato desse encontro traz aspectos relevantes do momento atual que estamos vivendo no interior da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com mais uma tentativa do governo

atual de enfraquecer as instituições públicas de ensino, que educa as filhas e filhos da classe trabalhadora:

BREVE RELATO DO ENCONTRO – OBSERVAÇÕES: Como somos todas e todos servidoras e servidores de IFs, iniciamos refletindo acerca da proposta de reorganização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, mais uma tentativa do governo Bolsonaro de enfraquecer a educação pública de qualidade à classe trabalhadora. Na sequência, a palavra circulou para responder a questão proposta à carta de encerramento. Os cursistas avaliaram o contexto democrático atual a partir da análise da situação vivida nas cidades e nos ambientes de trabalho que compartilham. Argumentaram sobre os limites de nossas ações no que se refere ao trabalho democrático em âmbito das microrrelações e como isso impacta as decisões coletivas. Por fim, decidimos fazer um vídeo, dividimos as tarefas e combinamos nosso encontro na live do encerramento do curso, no dia 04 de setembro às 16h00, bem como uma carta de despedida ao grupo de Araucária.

As Cartas

Se a leitora ou o leitor for de gerações dos anos 90 para trás do século XX, provavelmente terá escrito e recebido cartas. A carta é uma forma de comunicação desde a antiguidade, se transformando ao longo dos séculos, destacando-se como principal recurso comunicativo na Europa a partir do século XVI, sendo difundida no Brasil no século XIX (SANTOS et al, 2018).

A carta também pode ser lembrada na conhecida canção Carta de Amor, de Maria Bethânia. Ademais, a escrita e troca de cartas não era uma novidade para nós participantes, cujas gerações utilizaram deste meio de comunicação de caráter pessoal, enviando-as pelo correio, algo atualmente incomum e raro. Para Elane Santos e outras (2018), chama atenção o interesse crescente nas cartas como fonte de conhecimento sobre o passado. Nessa esteira, o inusitado esteve na escrita coletiva como forma de comunicação com o outro coletivo, tal como o potencial da Pedagogia da Correspondência, desenvolvida por Edgar Pereira Coelho (2011), ao elaborar uma tese que analisou as cartas expedidas e recebidas, que o autor denominou respectivamente de ativas e passivas, bem como o que ele nomeou de “livros-cartas”.

Moacir Gadotti (2011, p. 13) explicita que a escolha do gênero cartas na obra de Paulo Freire é “intencionalmente pedagógico” e, realmente “(...) uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê; ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal (GADOTTI, 2011, p. 14).

Assim, as Cartas durante o Ciclo traziam a sistematização das conversas entre nós e as características de cada pessoa que escrevia, imprimindo um pouco de si através das diversas formas de escrever, afinal “não há como escrever cartas sem um forte envolvimento pessoal” (GADOTTI, 2011, p. 13). Além de sistematizar o primeiro relatório, nós, a autora e autor deste relato, também sistematizamos a

Carta 1, embrião da parceria interessada em construir uma educação pública cada vez mais de qualidade para a nossa população, reconhecendo as contribuições de Paulo Freire para tais práxis.

Para Freire (2011), a práxis é a reflexão e ação humana sobre o mundo para transformá-lo, afinal concepção implica prática, bem como o contrário também ocorre. A práxis é um dos pilares do pensamento freiriano e nos move ao nosso objetivo como educadora e educador e, acreditamos que a experiência com a troca de cartas contribuiu sobremaneira. Além disso, o exemplo de coerência de Paulo Freire também é uma importante fonte mobilizadora para a intervenção e transformação educativas.

A primeira Carta

Nossa interlocução foi com o Grupo de Estudos Sementes da esperança de Araucária, no Paraná, com o qual trocamos quatro correspondências. Quando a primeira carta chegou, o diálogo começou a ocorrer entre educadoras e educadores das regiões nordeste e sul do Brasil, alinhavada pelo pensamento de Paulo Freire e o desejo de aprender mais sobre o autor e sua obra. A primeira carta apresentava o grupo, expectativas das e dos participantes e informações consideradas pertinentes.

Datada de 04 de maio de 2021, a primeira carta recebida trazia uma apresentação profissional de seus integrantes e a relação de interesse ou curiosidade envolvendo Paulo Freire. Em resposta, a primeira carta que sistematizamos/escrevemos, nos apresentava fazendo um trocadilho com trechos do poema Ode ao homem simples, de Neruda, dizendo que “parafraseando o poeta, vamos contar-lhes em segredo, quem somos: servidoras e servidores do IFBA - Instituto Federal da Bahia e IF Baiano - Instituto Federal Baiano”. Fizemos isso para esclarecer o grupo interlocutor que havia se referido a nós como IFBA - Bahia. Em seguida, contextualizamos sobre a pandemia e relacionando com o período no qual Freire escreveu a obra exilado no Chile, em 1965 e consta em Educação como prática da liberdade sob o título “Esclarecimento”.

Situar o momento pandêmico foi fundamental para que nos lembrássemos da situação-limite e do necessário inédito viável. Um contexto descrito naquele momento como caótico e desafiante para defender a humanização, da qual a conscientização é parte imprescindível. A apresentação de cada integrante foi antecedida por uma definição coletiva “somos gente”, forma de dizer adotado nos textos de Paulo Freire. E provocamos, interpretando o poema como uma carta, pois o poeta “se apresenta, nos conta de seu ofício que é saber, saber de tudo, uma sede enorme por conhecimento, além de um desejo profundo de saber do outro, e nessa sede de saber e de conhecer vamos buscando uns aos outros, nos tornamos iguais ao passo que continuamos sendo diferentes.”

A segunda carta

A segunda carta tinha como fio condutor as principais ideias e reflexões do encontro que dialogou sobre a Canção para os Fonemas da Alegria, de Thiago de Mello e o Capítulo 1 - A Sociedade Brasileira em Transição, do livro *Educação como Prática da Liberdade*.

A carta recebida do Grupo de Estudos Sementes da esperança de Araucária tinha onze páginas e data de 04 de junho de 2021. Foi motivo de longo debate, sobretudo pela reapresentação, conforme escreveram, “um pouco mais poética” de cada um e cada um dos doze integrantes, das quais onze mulheres. Mesmo assim, as cartas reproduziam uma linguagem sexista, a mesma que Paulo Freire (1992) criticou ao identificar como produto do machismo, algo ideológico e não meramente gramatical. Se a maioria das educadoras não reconhece as consequências das assimetrias de gênero e reproduzem que, num grupo com um único homem a escrita deve se dar no masculino, é preciso atentar para a *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, pois nela estão localizadas tais reflexões Freirianas.

Ademais, a correspondência trazia reflexões em torno de sermos seres sociais, coletivos, singulares e um espectro de egoísmo que nos ronda; sobre a temporalidade do texto e dos elementos que identificamos ainda em nosso tempo, relacionando com o contexto atual.

A nossa segunda carta enviada foi sistematizada por Davi Fogaça e abarcava aspectos das reflexões resultantes da leitura e dos diálogos do segundo encontro, tais como o desconhecimento sobre a realidade local em que estamos inseridas e inseridos, pela realidade de deslocamentos de profissionais para trabalhar nos IFs, dificultando, portanto, envolvimento para transformações sociais. Neste primeiro capítulo, Paulo Freire (1967) aborda a formação da sociedade brasileira, defendendo o ser humano como ser social e histórico, formado a partir das relações com humanos e com o mundo. Ademais, traz uma análise que provoca muitas reflexões, da qual destacamos a importância de não sermos nem otimista ingênuo ou idealista utópico, tampouco pessimista ou desesperançosa; ser crítico otimista, porque o otimismo crítico é esperança. E Freire nos convoca o tempo todo à criticidade. A partir da segunda carta assinaríamos como “Grupo Esperançar”.

A terceira carta

O fio condutor da terceira correspondência foram as principais ideias e reflexões elaboradas a partir da conversa sobre o Capítulo 2 - Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática e o Capítulo 3 - Educação Versus Massificação, do livro *Educação como Prática da Liberdade*.

A terceira carta recebida veio datada de 23 de junho de 2021 e tinha duas páginas. Nela, expressavam a alegria pelo contato e reconheciam a mudança no nome do grupo, o que sem dúvida nos aproximou mais do legado Freiriano ao adotarmos o Esperançar. Compartilharam as reflexões que nossa carta provocou

sobre desconhecer a realidade de nossa comunidade, estudantes, do local em que moramos e do local em que trabalhamos, que pode ser o mesmo ou não. Compartilharam o link do vídeo do coro cênico de Curitiba e apontaram questões em torno da fragilidade da democracia brasileira e os extremismos que permeiam essa sociedade. “A nossa colonização foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram - e dificilmente poderiam ter tido - intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra” (FREIRE, 1967, p. 67).

Nossa resposta ocupava igualmente duas páginas e expressava novamente nossa alegria com as reflexões promovidas devido à troca de cartas e retomava aspectos em torno da colonização portuguesa e da perpetuação desta ideologia por muitas educadoras e educadores. Compartilhamos reflexões sobre o que Paulo Freire chamou de “inexperiência democrática” e como podemos promover espaços de experiência democrática na escola, pois a democracia como forma de vida resultará como forma política (FREIRE, 1967).

Nós, educadoras e educadores também estamos expostas e expostos à cultura do que Freire chamou de mutismo e nossos locais de trabalho são muitas vezes locais que perpetuam o antidiálogo do qual o autor nos alerta não apenas sobre a existência, mas os perigos. Freire se dedica a partir do capítulo três a articular a educação com essa formação social, o que é o embrião da Pedagogia do Oprimido, central em seu pensamento.

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. Vale dizer, uma educação que longe de se identificar com o novo clima para ajudar o esforço de democratização, intensifique a nossa inexperiência democrática, alimentando-a (FREIRE, 1967, p. 93).

Refletimos que precisamos promover espaços de diálogo e de experiências democráticas no interior de nossas escolas, educando para a democracia sem aula de democracia, afinal Freire (1967) afirma não ser possível dar aulas de democracia.

A quarta carta

Novamente a carta deveria conter as principais ideias e reflexões elaboradas na roda de conversa sobre o Capítulo 4 - Educação e Conscientização e o Apêndice, do livro Educação como Prática da Liberdade. Era a nossa última correspondência com o Grupo de Estudos Sementes da esperança de Araucária.

A carta recebida já não trazia uma data específica, mas somente a referência ao mês e ano: agosto de 2021. Em seu interior, a presença contínua da amorosidade freiriana por meio das palavras tão bem selecionadas e a expressão de uma identificação com nosso grupo. De nosso lago, havia reciprocidade quanto a essa identificação e aprendizagens advindas dessa experiência. Além disso,

compartilharam reflexões de que “o material proposto para a leitura trazia o método utilizado por Paulo Freire para Alfabetizar Jovens e Adultos por meio dos Círculos de Cultura”. Ademais, percebiam, assim como nós, a possibilidade de ensinar com poucos recursos, desde que sejam significativos para a educanda e o educando.

A quarta carta enviada trouxe a síntese de um encontro com apenas três membros, comentando sobre o vídeo enviado e a arte como meio de afastamento e aproximação com a realidade, com o mundo do qual queremos ser, cada vez mais, sujeitos críticos. O vídeo desencadeou comentários sobre o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, que compartilhamos, tal como o desenvolvimento de um projeto com contribuições significativas da leitura coletiva de Educação como prática da liberdade.

O apêndice do livro é um achado à parte, com ilustrações de Vicente de Abreu e comentários de Paulo Freire. As figuras apresentam “as situações existenciais que possibilitam a apreensão do conceito de cultura” (FREIRE, 1967, p. 123). São dez situações, seguidas de “17 palavras geradoras escolhidas do ‘universo vocabular’ pesquisado no Estado do Rio e que se aplicariam, também, na Guanabara” (idem, p. 144).

A última carta

A quinta carta e última foi por meio de um vídeo, em que cada integrante respondeu a questão “*O que nós, educadores(as) brasileiros(as), podemos realizar em nosso cotidiano a fim de contribuímos com o fortalecimento da democracia?*”. Neste momento, nossa sobrecarga cotidiana contribuiu para fragilidades dialógicas e tivemos dificuldades para enviar dentro do prazo, tendo sido feita com atraso. Esta carta foi compartilhada em um grupo vinculado à página do Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, no *Facebook*.³ Nesta produção coletiva, temos um pouco de cada uma e de cada um dos integrantes do grupo, cujas respostas são evidentemente atravessadas pela influência da leitura e das conversas no grupo.

Considerações finais

O III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire - 100 Anos do Nascimento de Paulo Freire teve uma estrutura muito bem organizada. Desenvolvido entre os meses de março e setembro do ano de 2021, contando com uma conferência de abertura, cinco encontros de leitura e estudo do livro Educação como Prática da Liberdade com questões orientadoras e textos de outros autores que dialogam com essas leituras, sendo que a estrutura central eram as trocas de cartas entre grupos. Para essa troca de correspondências foi selecionado o Grupo de

³ Disponível no [Youtube](#).

Estudos Sementes da esperança de Araucária, Paraná, constituído majoritariamente por educadores e educadoras.

O ato de enviar e receber uma carta, em si, é dialógico, e o diálogo somente pode existir onde há relação horizontal, aí se faz comunicação e assim ocorreu nessas trocas, os grupos se permitiram adentrar, se conhecer e reconhecer em suas fragilidades e forças. Desta forma, na mais pura essência Freiriana, experimentamos a Pedagogia da Correspondência e, internalizamos que quem escreve uma carta, deixa de lado a centralidade e convida a outra pessoa para a interação e diálogo.

A experiência vivenciada no curso foi, para a autora e autor deste trabalho, de suma importância em suas respectivas áreas de atuação profissional, desde o formato do curso, com sua estrutura bem definida e seu alcance Nacional, às relações estabelecidas intra e extra grupo.

Enquanto docente, foi propiciada a ampliação da leitura de mundo, ressignificada a necessidade do olhar atento ao educando e a educanda, que trazem consigo suas experiências de vida e que estas são valiosas e muito podem contribuir nas relações de trocas de saberes em sala de aula. Enquanto orientador, a leitura sistematizada do livro Educação como Prática da Liberdade, assim como dos textos indicados, e a necessidade de dialogar com os pares sobre essas leituras, possibilitou novos olhares sobre a relação orientando-orientador, sendo também o ponto de partida para outras leituras das obras de Paulo Freire e autores que estudam e dialogam com suas obras.

Enquanto pedagoga, uma aproximação ainda maior com o pensamento freiriano e articulações com outras obras já lidas, visando superar a “palavra oca” que Paulo Freire tanto critica, introduzir de forma mais sistemática tais leituras e estudos no local de trabalho, vislumbrando a realização de experiência semelhante junto a colegas e estudantes. Ainda, reposicionar a pedagogia crítica como a opção acertada para uma educação como prática da liberdade, uma liberdade que não é resultado individual, mas da relação dos sujeitos entre si e com o mundo, visando transformá-lo, partindo de onde estivermos. E Paulo Freire é, sem dúvidas, fundamental.

A experiência de participar ativamente do III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, assim como dos encontros do Grupo Esperançar, com todas as leituras intrínsecas ao momento, nos possibilitou, como educadora e educador, a significação e ressignificação de Paulo Freire e sua obra atemporal.

Referências

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília: Liber Livro, 2011.

COELHO, Edgar Pereira. Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS Revista Científica**, p. 59-73, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71522347004>. Acesso em: 30 out. 2021

FREIRE, Paulo. **Discurso do professor Paulo Freire, em Angicos, ao encerramento do curso de alfabetização de adultos**. Angicos, RN: IFP, 2 abr. 1963. 8 p. Mimeografado. (Biblioteca IPF/SP).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Editora Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 50. ed.

GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e Politizar. Angicos, 50 anos depois. **Foro de Educación**, v. 12, n. 16, p. 51-70, 2014.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SANTOS, Elane S. *et al.* O. Gênero textual carta e ensino: considerações sobre a tradição epistolar. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 189-200, 2019. Disponível em: <http://ojs3.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2043>. Acesso em: 29 out. 2021.